

# Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso:

## a face oculta da assimetria nas páginas de jornais

### Gender inequality in print sports journalism: the hidden face of asymmetry on newspapers' pages

**Adriana Barsotti**

*Doutora em Comunicação pela PUC-Rio e Professora do Departamento de Comunicação da UFF.*

*Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação, Niterói (RJ), Brasil.*

**Júlia da Cruz Carvalho**

*Mestre em Mídia e Cotidiano pela UFF.*

*Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação, Niterói (RJ), Brasil.*

#### Resumo

São tangíveis os esforços da televisão brasileira para reduzir a desigualdade de gênero no jornalismo esportivo. Mulheres vêm ocupando, desde 2021, funções até então exclusivas a homens, como a narração de jogos de futebol. Este artigo parte da hipótese que os jornais impressos estão na contramão da tendência verificada no telejornalismo esportivo. Para alcançar os objetivos, foram analisadas 1.184 publicações das editorias de esporte dos três principais jornais do país – *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* – em julho de 2020 e julho de 2021. Do total de textos assinados, 86,7% eram de autoria de homens, e apenas 13,3%, de mulheres. Assimetria ainda maior foi registrada no fotojornalismo dessas editorias. Mulheres publicaram 7,9%

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.404>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.120-141, jan./abr. 2024

das fotos contra 92,1% dos homens. Para auxiliar a interpretação dos dados, duas entrevistas em profundidade foram realizadas com mulheres jornalistas das editorias de esporte desses veículos.

**Palavras-chave:** Jornalismo esportivo. Gênero. Desigualdade. Jornais impressos.

## Abstract

Brazilian television's efforts to reduce gender inequality in sports journalism are well known. Since 2021, women have been taking on roles that were previously exclusive to men, such as narrating soccer matches. This article starts from the hypothesis that printed newspapers are going against the trend seen in sports television journalism. To achieve the objectives, 1,184 publications from the sports sections of the country's three main newspapers - *O Globo*, *Folha de S. Paulo* and *Estado de S. Paulo* - were analyzed in July 2020 and July 2021. Of the total number of signed texts, 86.7% were written by men and only 13.3% by women. An even greater asymmetry was recorded in the photojournalism of these sections. Women published 7.9% of the photos compared to 92.1% by men. To help interpret the data, two in-depth interviews were conducted with women journalists from the sports sections of these media outlets.

**Keywords:** Sports journalism. Gender. Inequality. Print newspapers.

## Resumen

Los esfuerzos de la televisión brasileña por reducir la desigualdad de género en el periodismo deportivo son tangibles. Desde 2021, las mujeres asumen papeles que antes eran exclusivos de los hombres, como narrar partidos de fútbol. Este artículo parte de la hipótesis de que la prensa escrita van a contracorriente del teleperiodismo deportivo. Para alcanzar los objetivos, se analizaron 1.184 publicaciones de las secciones de deportes de los tres principales periódicos del país - *O Globo*, *Folha de S. Paulo* y *Estado de S. Paulo* - en julio de 2020 y julio de 2021. Del total de textos firmados, el 86,7% fueron escritos por hombres y sólo el 13,3% por mujeres. Una asimetría aún mayor se registró en el fotoperiodismo de estas secciones. Las mujeres publicaron el 7,9% de las fotos, frente al 92,1% de los hombres. Para ayudar a interpretar los datos, se realizaron dos entrevistas en profundidad a mujeres periodistas de las secciones de deportes de estos medios.

**Palabras clave:** Periodismo deportivo. Género. Desigualdad. Prensa escrita.

## Introdução

Em 2021, a TV Globo comemorou chegar à final da Eurocopa 2020 com participação feminina em 46% das transmissões de TV. A linha de frente contava com as narradoras Renata Silveira e Natália Lara, as comentaristas Ana Thais Matos e Renata Mendonça, além da analista de arbitragem Fernanda Colombo e a repórter Marina Izidro (WILLMERSDORF, 2021). Principal emissora de TV do país, a Rede Globo, fundada em 1965, demorou 55 anos para a inclusão de mulheres no grupo de narradoras. A estreia aconteceu com Renata Silveira, em 10 de março de 2021, no confronto entre Moto Club e Botafogo pela Copa do Brasil (CASAGRANDE, 2021). Antes disso, Luciana Mariano narrara uma partida em 1997, na TV Bandeirantes (TRINDADE, 2021).

“É uma luta para que as mulheres tenham voz na sociedade. Este é um setor que ainda é dominado por homens”, disse Mendonça, em entrevista ao jornal *The New York Times*, referindo-se ao jornalismo esportivo. A reportagem destacava a participação feminina na Copa do Mundo Feminina da Fifa e ouviu, além de Mendonça, as jornalistas Carol Barcellos, da TV Globo, e Roberta Cardoso, do *Dibradoras*, plataforma especializada em modalidades femininas. O texto, entretanto, apontava para as dificuldades das jornalistas mulheres no exercício da profissão na área esportiva: “A misoginia e a má remuneração têm sido características indelévels para as jornalistas que tentam construir uma carreira cobrindo o futebol feminino” (PANJA, 2019).

Se, na televisão, existe um movimento para a contratação de mais mulheres no jornalismo esportivo, a hipótese deste artigo é que o cenário é de perpetuação da desigualdade de gênero nas editorias de esporte dos jornais impressos, em que os rostos não são vistos, e algumas reportagens nem sequer são assinadas, invisibilizando as assimetrias de gênero<sup>1</sup>.

Para a verificação da hipótese, foram analisadas 1.184 publicações das editorias de esporte dos três jornais de referência do país: *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*. A coleta foi feita intencionalmente em dois períodos – em julho de 2020 e em julho de 2021 – em que não houve nenhum grande evento na cobertura esportiva para não enviesar os resultados, já que as equipes tendem a ser reforçadas por outras editorias durante Copas e Olimpíadas. Os conteúdos foram categorizados segundo o

---

<sup>1</sup> Os resultados aqui apresentados são parte da dissertação de mestrado “Não sou eu uma mulher?": machismo, racismo e desigualdade no cotidiano das editorias de esporte de jornais, de Júlia da Cruz Carvalho, defendida no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, em dezembro de 2023.

gênero na assinatura dos textos, o gênero na assinatura das fotografias, a modalidade esportiva sobre a qual os textos tratavam e o jornal responsável pela publicação. A observação da modalidade permitiria verificar se a cobertura do futebol é ainda mais desigual em termos de gênero dos profissionais nela envolvidos.

### **Mulheres no jornalismo: da exclusão à militância**

O jornalismo e o esporte, como exemplo, “constituem duas instituições historicamente masculinizadas, binárias e heteronormativas, veiculando e contribuindo para a manutenção de representações sobre o que é ser feminino e masculino a partir dessas referências” (BUENO, 2018, p. 29). Vale lembrar que o primeiro jornal brasileiro voltado ao público feminino, o *Espelho Diamantino*, fundado em 1827, jamais deu voz a seu público-alvo e era editado por um homem, Pierre Plancher-Seignot. Segundo o site da Biblioteca Nacional, o periódico dava “destaque à moda e às belas artes, temas que, seguindo o raciocínio patriarcal, interessavam às mulheres” (BRASIL, 2020).

A partir da segunda metade do século XIX, jornais feitos por mulheres e de caráter assumidamente feminista começam a ganhar espaço: *A Esmeralda*, de 1850, no Recife, e o *Jornal das Senhoras*, de 1852, no Rio de Janeiro, são alguns exemplos. Sufrágio feminino, legalidade do divórcio e capacidade intelectual da mulher correspondem a parte dos assuntos tratados. Conforme Sales (2019), Joana Paula Manso de Noronha foi a primeira redatora do *Jornal das Senhoras*. Ao fundá-lo, tinha por objetivo contribuir para a emancipação das mulheres e mostrar que homens não tinham superioridade intelectual sobre elas.

O texto “Às nossas assinantes”, veiculado na primeira página do periódico e escrito por Joana, trazia, por meio de indagações, reflexões sobre o fato de o jornal ser escrito por uma mulher.

Se países da Europa e os Estados Unidos caminhavam rumo “ao progresso”, era necessário que o Brasil fosse nesta mesma direção. Todos estes fatores eram, para Joanna, motivos para que o jornal fosse bem acolhido. Nas suas palavras: Ora pois, uma senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, e Portugal mesmo, os exemplos abundam de senhoras dedicadas à literatura colaborando diferentes jornais. Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do império, Metrópole do Sul da América, acolherá decerto com satisfação e simpatia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, se não possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher (SALES, 2019, p. 25).

No jornalismo, a entrada das mulheres limitava-se quase que majoritariamente aos suplementos femininos (BUENO, 2018). Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1787-1837), natural de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, é considerada a primeira jornalista do Brasil (LEITE, 2019). No esporte, como veremos, esperou-se muito mais de um século desde a criação da imprensa no Brasil para que as portas fossem abertas ao gênero feminino.

No cenário esportivo, há registros de que foi publicado no Rio de Janeiro, em 1856, o jornal *O Atleta*, que tratava somente de educação física e lazer. Entre 1916 e 1920, também na capital carioca, passou a circular a revista *Vida Esportiva*. Embora ambos se aproximassem das primeiras práticas jornalísticas sobre esporte, foi somente oito anos depois, em 1928, que surgiu *A Gazeta Esportiva*, suplemento de *A Gazeta* especializado em esporte (BRASIL, 2022). O suplemento teria a primeira jornalista mulher contratada para a cobertura esportiva no Brasil.

Embora, durante a década de 1930, se tenham registros de que Ana Amélia redigia crônicas esportivas, única mulher à época a fazê-lo (BUENO, 2018), a primeira jornalista brasileira contratada para escrever reportagens esportivas foi Maria Helena Rangel, que trabalhou em *A Gazeta Esportiva* entre 1948 e 1953 (PRIZIBISCZKI, 2007). Formada em Educação Física pela USP, em 1944, tornou-se campeã paulista e estadual do arremesso do disco no mesmo ano. Em 1945, recebeu o Troféu Brasil, no Rio de Janeiro, pelas conquistas do ano anterior. O troféu ainda foi conquistado pela atleta nos seis anos seguintes, de forma consecutiva (1946, 1947, 1949, 1950, 1951 e 1952).

Além da repetição de títulos como campeã estadual, Rangel também participou do IV Campeonato Sulamericano de Atletismo em Montevideu/Uruguai (1945); iniciou, com mais duas colegas, o Departamento Infante-juvenil do Esporte Clube Pinheiros (1945); participou dos Jogos da Primavera, patrocinado pelo *Jornal dos Sports* (1947); terminou na quarta colocação no V Campeonato Sulamericano, no Rio de Janeiro (1947); tornou-se recordista paulista do arremesso do disco (1949); alcançou o segundo lugar no V Campeonato Paulista de Atletismo (1949); integrou a equipe brasileira que venceu o Campeonato Sulamericano em Lima, no Peru (1949), além de ter sido declarada atleta Benemérita pelo Conselho Deliberativo do Esporte Clube Pinheiros.

Contemporânea de Maria Helena, Mary Zilda Grassia Sereno é uma das fotojornalistas pioneiras no Brasil. Enquanto era voluntária da área de saúde no Chile, em decorrência de um terremoto ocorrido em

1939, passou a registrar as consequências do desastre (COSTA, 2021). Apesar da aproximação com a fotografia ter acontecido em função da tragédia, Mary gostava mesmo era de futebol. Trabalhou em *A Gazeta Esportiva* e costumava ser a única mulher nos gramados do estádio do Pacaembu. “Ela foi também a única fotógrafa escalada para cobrir a Copa do Mundo de 1950, tendo sido vaiada, estrondosamente, ao entrar no Maracanã pelo fato de ser mulher” (p. 63).

O fato de ser mulher impediu sua contratação pelo jornal *O Globo*. “Ela tentou vender uma fotografia para o jornal após o título da Itália na Copa do Mundo de 1934, onde captou a imagem de uma freira italiana na cidade do Rio de Janeiro comemorando o feito da seleção de seu país natal” (RAMOS, 2010, p. 261). Apesar da publicação, a jornalista não foi contratada. “A foto foi utilizada pela publicação, mas Mary Zilda não foi contratada por ser mulher” (p. 261)

A primeira transmissão esportiva de rádio no país foi feita pelo narrador Nicolau Tuma, em 19 de julho de 1931, pela Rádio Educadora Paulista. Somente na década de 1970 Zuleide Ranieri Dias se tornaria a primeira mulher a narrar um evento esportivo no rádio. Até a década de 1970, com raras exceções, “mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino das transmissões esportivas” (RIBEIRO, 2007, p. 220). É bom ressaltar que o futebol feminino e outros esportes com participação de mulheres, como o atletismo e as lutas, foram proibidos no Brasil até 1979. A proibição foi iniciada durante o governo do então presidente Getúlio Vargas, sob a justificativa de que sua prática colocaria em risco a integridade física das mulheres (PISANI, 2018).

Uma experiência inédita de cobertura esportiva aconteceu quando Roberto Montoro, dono da Rádio Mulher, criou e manteve, por cinco anos, uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres. A narradora era Zuleide Ranieri, os comentários eram feitos por Jurema Iara, Leilá Silveira e Lea Campos. As reportagens ficavam por conta de Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral, e a sonoplastia era feita por Regina Helô Aparecida. As locutoras de plantão eram Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro (RIBEIRO, 2007). Dentro e fora das transmissões, sob o preconceito desmedido da sociedade e dos demais colegas de transmissão, àquela altura era o único espaço esportivo em que não se permitiam homens atuando. Anos mais tarde, Regiane Ritter foi uma das primeiras mulheres a se tornar repórter de campo (MIRANDA, 2019). Em 1991, Ritter conquistou o prêmio de melhor jornalista esportiva do estado de São Paulo (RIBEIRO, 2007).

Somente na televisão as chances das mulheres iriam se ampliar. Mylena Ciribelli iniciou a apresentação de boletins dos Jogos Olímpicos de Seul e de Fórmula 1, em 1988, na TV Manchete. Em 1991, a jornalista começaria a trabalhar no Globo Esporte e no Esporte Espetacular, programas esportivos da Rede Globo (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2017). Enquanto isso, Isabela Scalabrini, veterana na TV Globo desde 1980, cobria diversas modalidades esportivas para o Globo Esporte, menos futebol, cuja exclusividade de cobertura era dada aos homens, apenas por serem homens (BAGGIO apud OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2017).

A narração televisiva, por sua vez, função que por mais tempo permaneceu exclusiva dos homens na área esportiva, recebeu uma alternativa feminina somente em 1997, com Luciana Mariano, na TV Bandeirantes (TRINDADE, 2021). Mais de duas décadas de hiato se sucederiam até que a TV Globo começasse a contratar narradoras mulheres, como já citado na introdução do artigo.

Dados da Federação Nacional dos Jornalistas (MICK e LIMA, 2013) indicam que, no Brasil, 64% dos profissionais dentro das redações são mulheres. Analisando o aspecto quantitativo, as mulheres são maioria no exercício das atividades, mas isso está longe de representar uma provável equidade, como será demonstrado adiante. No esporte, a desvantagem numérica identifica que ainda existe um critério de gênero dentro das redações, responsável pela manutenção de papéis sociais e pela legitimação do esporte como trabalho masculino (BANDEIRA, 2019).

A literatura esportiva também ajuda na manutenção da visão androcêntrica no jornalismo esportivo. Dados do Museu do Futebol, a título de exemplo, sustentam a reflexão. Inaugurada na cidade de São Paulo, em 2008, a instituição é referência na pesquisa sobre o esporte no país e conta com 3.739 títulos em seu acervo bibliográfico (entre livros, trabalhos acadêmicos, artigos e produção do Museu do Futebol). Desse total, apenas 20% do material, o que corresponde a 750 trabalhos, são de autoria de mulheres. A instituição, vale destacar, tem por missão, segundo descrição de seu próprio plano museológico, preservar, investigar e divulgar indicadores de memória do futebol (CARVALHO, 2021).

Um retrospecto histórico torna evidente a legitimidade tardia ao direito de comunicar da mulher. Conforme Mattelart (2009, p. 35), a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, aprovada por revolucionários franceses, declarava, a partir de seu artigo 11, que todo cidadão tinha “a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões”, isto é, tinha assegurada sua própria liberdade de expressão. A versão final da Declaração, no entanto, não incluía mulheres nesses mesmos direitos, o que

foi questionado por Olympe de Gouges, defensora dos direitos da mulher, em 1791, pouco antes de ser guilhotinada: “Se a mulher tem o direito de subir no cadafalso, ela também deve ter o direito de subir na tribuna” (p. 36).

modo e de seus processos comunicacionais como sendo os únicos possíveis. A realidade das relações de força – de classe, de gênero, de raça ou de etnia – naturalizou uma forma de institucionalização das maneiras de se produzir a vontade geral e garantir o consenso, que legitimou a hegemonia de uma classe em particular, de seus interesses, de sua visão de mistificação do liberalismo consistiu em uma tentativa de parar de uma vez por todas a definição desse “direito humano”, e a se portar como se a liberdade de imprensa e de expressão não fosse influenciada pela evolução dos questionamentos da sociedade sobre o funcionamento da democracia e do desenvolvimento de tecnologias para a produção e divulgação de informações (p. 37).

Essa dominação masculina ainda faz parte do cotidiano jornalístico e é responsável pelo distanciamento de mulheres da área, ocasionando, sobretudo, a falta de representatividade na imprensa, uma vez que “não pode haver diversidade cultural sem uma verdadeira diversidade midiática” (p. 40).

A presença de mulheres na cobertura esportiva, embora alcançada, ainda acompanha preconceitos, discriminação de gênero e predominância masculina nas redações. A desigualdade entre gêneros no jornalismo está para além da disparidade salarial e dificuldade de ascensão na carreira. Para Bandeira (2019), o equilíbrio no número de mulheres dentro das redações não é sinônimo de igualdade, tampouco a equidade é conquistada na ocupação dos cargos de chefia.

É comum que jornalistas sejam assediadas durante transmissões ao vivo, como aconteceu com a repórter Júlia Guimarães, durante a cobertura da Copa do Mundo de 2018, em que um torcedor lhe deu um beijo à força (LAMENTÁVEL, 2018). O assédio e a importunação sexual no mercado de trabalho ganharam espaço de discussão no jornalismo esportivo, com movimentos como o “Deixa Ela Trabalhar”, iniciado por 52 jornalistas, contra o assédio sexual sofrido nos estádios, ruas e redações (DEIXA, 2018). O movimento uniu profissionais de diferentes veículos de comunicação que, juntas, denunciaram a falta de respeito que enfrentam no cotidiano profissional e praticamente apelaram para que, durante o exercício da profissão, não sejam interrompidas por iniciativas machistas execráveis.

Nas redes sociais, o movimento ganhou a adesão dos principais clubes de futebol do país: entre eles, Flamengo e Corinthians, times com as maiores torcidas do Brasil, segundo pesquisa do jornal *O Globo* com o Instituto de Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (MELLO, 2022). “Embora o empoderamento individual seja fundamental, somente a ação coletiva pode produzir efetivamente as

transformações institucionais duradouras que são necessárias para que tenhamos justiça social” (COLLINS, 2019, p. 456). Como aponta Lerner, os movimentos de mudança podem ter início quando as mulheres percebem que as injustiças das quais são vítimas são compartilhadas por outras (2019):

O reconhecimento de uma injustiça se torna político quando as mulheres percebem que essa injustiça é compartilhada com outras. Para remediar essa injustiça coletiva, as mulheres se organizam na vida política econômica e social. Os movimentos que organizam inevitavelmente encontram resistência, o que as força a contar com os próprios recursos e força. No processo, desenvolvem um senso de irmandade. Esse processo também resulta em novas formas de cultura da mulher, impostas às mulheres pela resistência que elas encontram, tais como instituições ou modelos de vida segregados por sexo ou separatistas. Com base em tais experiências, as mulheres começam a definir as próprias demandas e a desenvolver teorias. Em determinado nível, saem da androcentricidade na qual foram educadas e passam a colocar as mulheres no centro (p. 294)

## Metodologia

Para a comprovação da hipótese de que o jornalismo esportivo impresso perpetua a desigualdade de gênero, foram coletados todos os conteúdos publicados nas editorias de esporte dos três jornais impressos de referência no Brasil – *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* – em dois períodos a serem indicados a seguir, nos anos de 2021 e 2022. Para Wolf (2009), há organizações jornalísticas que cumprem com o papel de serem referência para as demais. Nos EUA, tal função seria desempenhada pelo *The New York Times* e pelo *The Washington Post*. Aguiar (2008) nota que a competição entre os jornais contribui para o estabelecimento de títulos de referência. No Brasil, os modelos de referência seriam a *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, segundo o autor. Amaral (2011) classifica como jornais de referência aqueles que se dirigem às classes A e B e que são considerados veículos de credibilidade entre os formadores de opinião.

A pesquisa optou pela observação da desigualdade de gênero no jornalismo impresso esportivo devido à hipótese de que, no jornalismo impresso, a invisibilidade dos rostos oculta as assimetrias de gênero. No telejornalismo esportivo, nota-se um esforço na contratação de mulheres no cenário atual, inclusive para funções de narradora, até há bem pouco tempo proibitiva para as mulheres. Supomos neste artigo que a cobrança da sociedade – e dos leitores – por igualdade de gênero seja menor nos jornais impressos por ocultarem a face de quem assina as reportagens e fotografias.

O primeiro período de coleta do material ocorreu entre os dias 7 de junho e 7 de julho de 2021 e o segundo, entre os dias 9 de junho e 9 de julho de 2022. Nenhum grande evento esportivo aconteceu nas

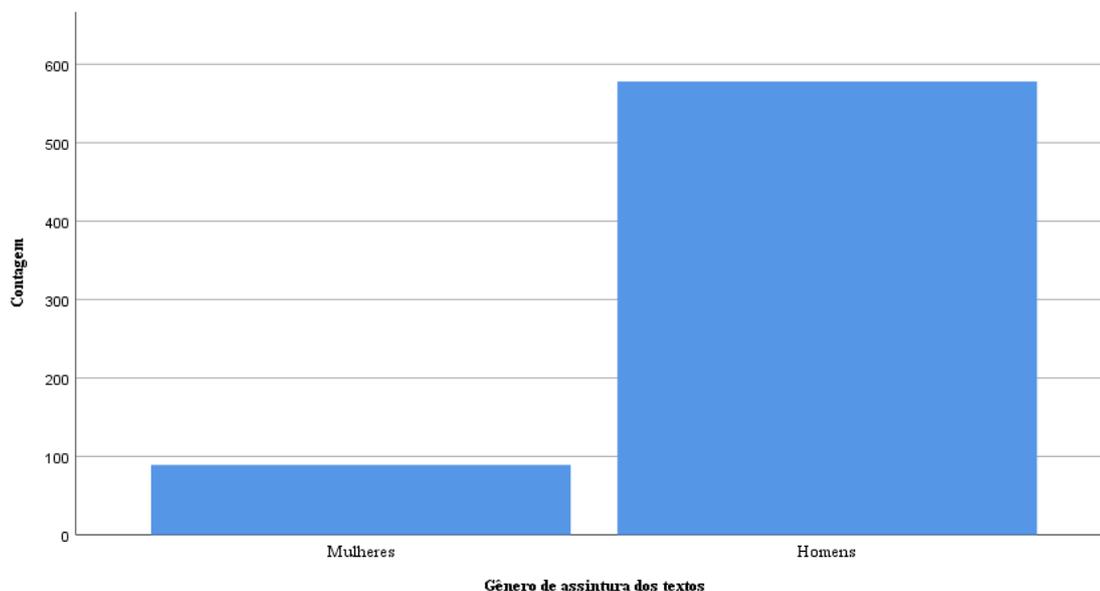
datas selecionadas. A opção foi intencional. Em grandes acontecimentos, tais como Copa e Olimpíadas, a cobertura de esportes é ampliada e recebe reforços de repórteres de outras editorias. A pesquisa tinha a ambição de retratar a desigualdade de gênero no cotidiano das editorias de esporte. Portanto, era preciso descartar períodos excepcionais em nossa análise.

Todos os conteúdos – incluindo reportagens, notas, colunas e fotografias – publicados nas editorias de esportes nos dois períodos mencionados nos três jornais foram considerados para análise e efeitos de contagem e interpretação. Ao todo, foram analisados 1.184 conteúdos. Do total, 545 conteúdos, quase a metade, foram publicados no jornal *O Globo*. Já os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* publicaram 315 e 324 itens, respectivamente. Para que uma análise do que se pretende neste trabalho fosse possível – quantificar o espaço das mulheres em atuação no jornalismo esportivo de jornais impressos brasileiros –, foram estabelecidas as seguintes variáveis categóricas: o gênero na assinatura dos textos, o gênero na assinatura das fotografias, a modalidade esportiva da qual os textos tratavam e o jornal responsável pela publicação. A observação da modalidade permitiria verificar se a cobertura do futebol é ainda mais desigual em termos de gênero dos profissionais envolvidos.

Entendendo o critério de assinatura dos textos e fotografias como preponderante para análise da igualdade de gênero nas editorias de esportes de jornais impressos do país, optou-se por, ao final da contagem, considerar apenas textos e fotos creditados. Publicações categorizadas como mista (quando homens e mulheres assinavam matérias juntos, por exemplo) foram descartadas. Nossa metodologia foi inspirada na pesquisa conduzida por Horky e Nieland (2013) – International Sports Press Survey 2011 –, que analisou a cobertura esportiva de 81 jornais em 22 países de cinco continentes: América, África, Ásia, Europa e Oceania. O estudo concluiu que apenas 8% das reportagens das editorias de esporte eram assinadas por mulheres, número próximo ao que apresentaremos aqui.

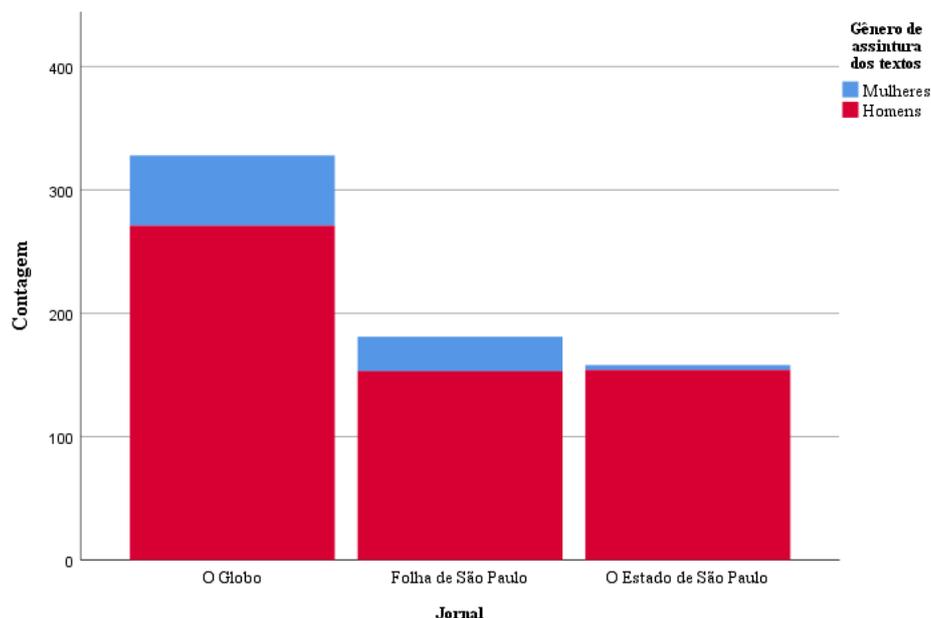
### **A desigualdade de gênero nas páginas**

Dos 1.184 conteúdos obtidos, 667 receberam assinaturas. O alto índice de textos não assinados é justificado pela grande quantidade de notas publicadas diariamente pelos três jornais. Da quantidade de textos creditados, 578 (86,7%) foram assinados por homens, e 89 (13,3%) foram assinados por mulheres.

**Gráfico 1:** Quantidade de textos creditados nos três jornais analisados, estratificados por sexo

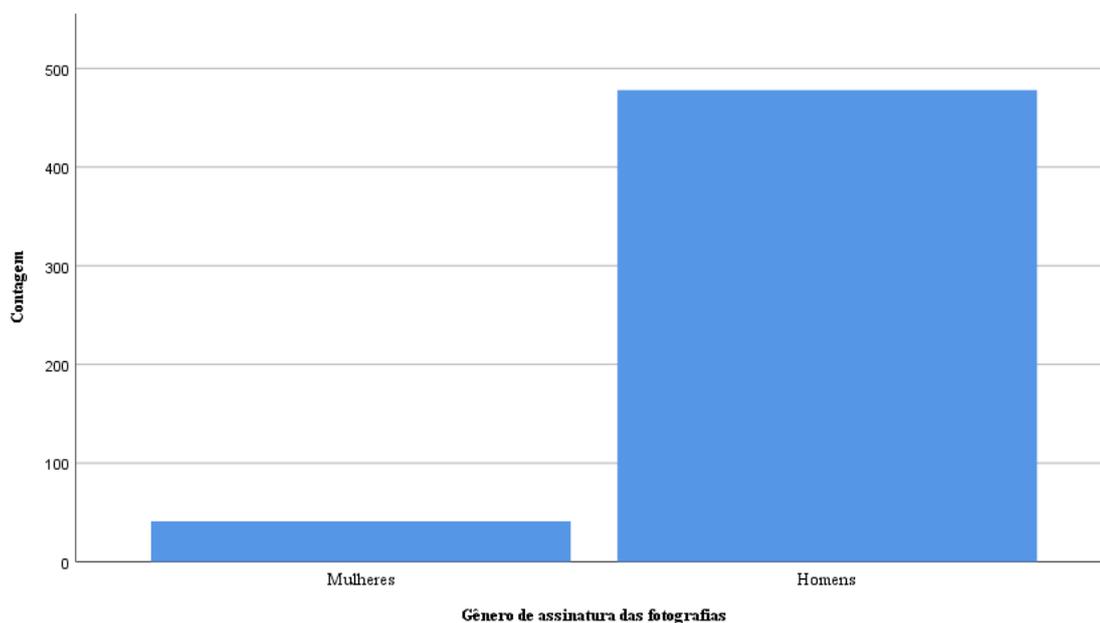
**Fonte:** elaboração das autoras

No jornal *O Globo*, o total de textos assinados é de 328, sendo 271 assinados por homens, e 57 assinados por mulheres. Na *Folha de São Paulo*, o número de textos assinados é de 181: 153 creditados a homens, e 28 assinados por mulheres. No Estadão, por sua vez, impressiona o fato de que apenas quatro textos, dos 158 que receberam assinaturas, tenham sido publicados por mulheres. Enquanto isso, 154 desse total foram assinados por homens. No segundo período analisado, não houve o registro de conteúdos assinados por mulheres no Estadão.

**Gráfico 2:** Quantidade de textos creditados nos três jornais analisados, estratificados por sexo

**Fonte:** elaboração das autoras

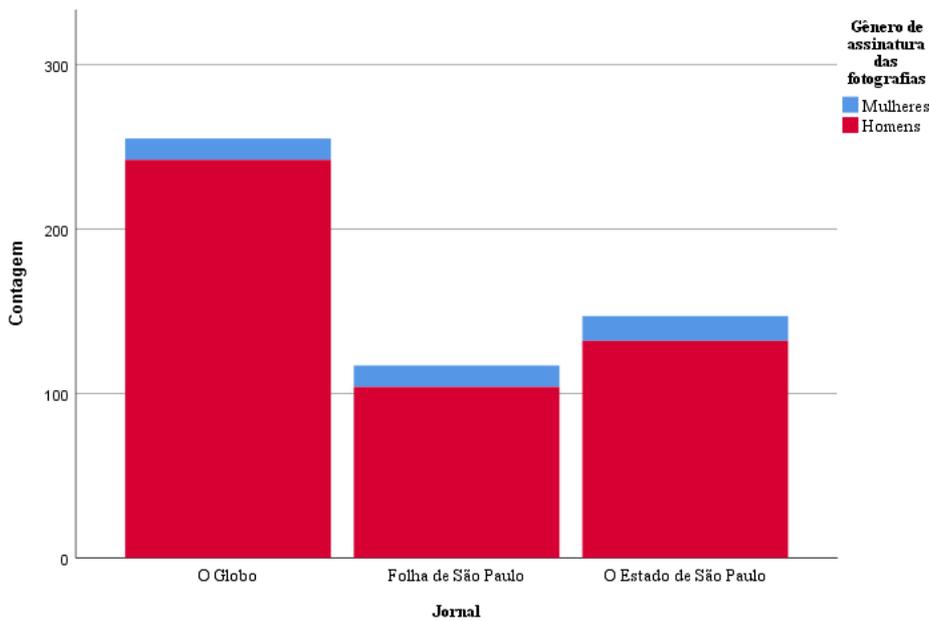
A partir daqui, a análise se detém ao fotojornalismo estampado nas páginas das editorias de esportes dos jornais. Da quantidade total (1.184) de publicações feitas e analisadas em *O Globo*, *Folha e Estadão*, 519 tinham alguma fotografia creditada a um profissional ou a uma profissional. Para efeitos de análise, desconsideramos imagens de reprodução e divulgação. Do novo total, 41 das fotos publicadas foram assinadas por mulheres enquanto 478, por homens.

**Gráfico 3:** Quantidade de fotografias creditados nos três jornais analisados, estratificadas por sexo

**Fonte:** elaboração das autoras

No jornal *O Globo*, o número total de fotografias assinadas na editoria de esportes foi de 255 (242 por homens, e 13 por mulheres). Na *Folha de São Paulo*, o total de fotos assinadas foi de 117 (104 por homens, e 13 por mulheres). No *Estado de São Paulo*, o total de fotos assinadas correspondeu a 147 (132 delas creditadas a homens, e 15 a mulheres). Logo, o viés de gênero na assinatura das fotos não varia de jornal para jornal. Isto é, nenhum dos jornais apresenta equilíbrio de gênero nas assinaturas das fotografias.

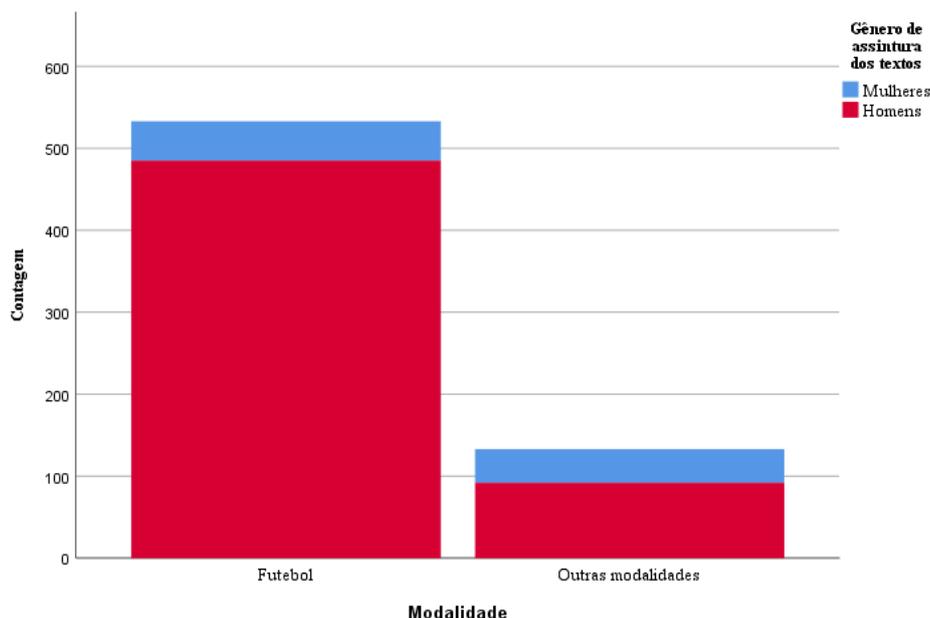
**Gráfico 4:** Proporção de assinaturas de fotografias estratificados por sexo, nos três diferentes jornais analisados



**Fonte:** elaboração das autoras

Não há dúvidas sobre a principal modalidade tratada no cotidiano esportivo das redações brasileiras: o futebol. Das matérias assinadas, 533 tratavam do esporte mais popular do país, e 133 de outras modalidades. Num recorte sob a perspectiva de gênero, das 89 matérias assinadas por mulheres, 48 foram sobre futebol, e 41 sobre outras modalidades. Das 577 matérias assinadas por homens, 485 foram sobre futebol, e 92 sobre outras modalidades. Isso implica dizer que, das matérias publicadas sobre futebol, 91% foram assinadas por homens, e 9% por mulheres, nos dois períodos analisados. Já em outras modalidades, 69% foram assinadas por homens, e 31% por mulheres.

**Gráfico 5:** Proporção de assinaturas de textos de acordo com a modalidade, estratificadas por sexo



**Fonte:** elaboração das autoras

Logo, a partir da associação entre modalidades esportivas e gênero, é possível concluir que mulheres escrevem menos, independentemente da modalidade sobre a qual escrevam ou para qual jornal escrevam. Ou, ainda, que homens assinam mais matérias independentemente da modalidade.

A partir de toda a análise estatística, comprova-se a desigualdade de gênero nas redações das editorias de esporte dos principais jornais impressos brasileiros. Ainda há um critério de gênero sendo utilizado na contratação de profissionais responsáveis por coberturas esportivas e pouca preocupação dos periódicos em corrigir a falta de mulheres nas redações – não à toa, a jornalista que mais vezes aparece assinando textos no jornal *Folha de São Paulo*, por exemplo, foi demitida após a coleta de dados para essa pesquisa, e nenhuma outra mulher foi incluída em seu lugar. Ou seja, é possível também deduzir que, se esta pesquisa fosse atualizada com as assinaturas atuais, a proporção entre homens e mulheres escrevendo seria ainda mais desigual.

### **Assédio, importunação e desigualdade salarial: pautas em comum**

Os dados apresentados nos permitem afirmar que as editorias de esporte dos três maiores jornais brasileiros são compostas majoritariamente por homens. Para buscar aprofundar os dados estatísticos, foram realizadas entrevistas em profundidade com duas jornalistas: uma de *O Globo*, e a outra da *Folha de*

S. Paulo. Suas falas revelam um cotidiano marcado por formas sutis de violência de gênero, que excluem as mulheres de um ambiente de trabalho saudável. A jornalista aqui definida como “jornalista A” é a profissional que mais vezes apareceu assinando matérias na *Folha de São Paulo* durante os dois períodos de coleta analisados. Segundo a entrevistada, não há, atualmente, nenhuma mulher na editoria de esportes da *Folha de São Paulo* atuando como repórter – embora semanalmente haja uma coluna assinada por mulher na editoria. São colunistas convidadas.

A jornalista A teve sua coluna no jornal encerrada no fim de 2022 sob a justificativa de um corte geral de colunistas. “Era um espaço importante conquistado ali, um espaço que geralmente é ocupado somente por homens e no qual eu tentava abordar temas diferentes do que os meus colegas costumavam escrever”. Entre esses temas, está o futebol feminino, ainda pouco presente na rotina de cobertura esportiva dos principais jornais.

O convite para ter a coluna no jornal chegou até a jornalista durante a Copa do Mundo de 2019. A profissional conta que, em geral, a realidade das editorias de esporte pelas quais passou é a mesma: raramente passa dos 20% de mulheres na equipe. E sugere uma explicação cultural para o fato. As meninas não são incentivadas à prática do esporte na infância e, em consequência disso, grande parte das mulheres não cria relações com o esporte. “É uma questão cultural de gênero: a menina nasce e ganha uma boneca, o menino nasce e ganha uma bola”, pontua. No caso da jornalista, a vontade de trabalhar com esporte despontou desde a entrada na faculdade. O exercício, por sua vez, mostra-se machista e patriarcal.

A sua capacidade está sempre sendo colocada em xeque. Cheguei a ouvir de um ex-chefe que ele não confiaria em mim pra cobrir jogos ou treinos dos clubes porque “tinha dúvidas se eu saberia o que perguntar aos técnicos e jogadores”. Mas se, na cabeça dele, eu não era capaz de cumprir um requisito tão básico daquela função, por que ele tinha me contratado? Ele dizia o mesmo para meus colegas homens? Infelizmente, mesmo sem eu ter demonstrado qualquer “fraqueza” ou ter cometido qualquer erro no dia a dia do meu trabalho, ouvi esse feedback e fiquei me questionando se eu realmente deveria estar ali. Aquilo que ouvi daquele chefe quase me fez desistir de trabalhar na área. Hoje, já estou mais preparada para lidar com essas questões, com a quantidade de vezes que duvidam da minha capacidade, mas trabalhar na área realmente exige muita resiliência para você não titubear quando tentarem de tudo pra te fazer desistir” (JORNALISTA A, 2023).

A distância numérica entre homens e mulheres nas redações das editorias de esporte também é pautada por cobranças desproporcionais entre os gêneros. Mulheres esbarram em portas fechadas ao mercado apenas por serem mulheres, o que aumenta a falta de oportunidades. Quando inseridas, são estimuladas à desistência a partir do cotidiano machista, que as faz duvidar de sua capacidade. Geralmente

chefiadas por homens, são enviadas a pautas que convêm ao patriarcado, como o futebol feminino. É claro que não se pode ignorar a crise pela qual os jornais impressos passam, com redução de tiragens e de verbas publicitárias, mas, onde se pode contratar pouco, contratam-se homens.

No jornal *O Globo*, existe apenas uma mulher que foi contratada como repórter e escreve de maneira fixa na editoria de esportes. A entrevistada B escreve para o jornal há 19 anos, 15 deles para a editoria de esportes. Ela é não só a única mulher da editoria de esporte do periódico em questão, mas a única mulher contratada nos três jornais (*Folha de São Paulo*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo*). Segundo conta, entrou para o jornal *O Globo* durante a universidade, como estagiária. Com a conclusão do estágio, foi contratada para os Jornais de Bairros e costumava oferecer pautas relacionadas ao esporte.

Em 2006, pediu para reforçar a cobertura da Copa do Mundo e, a partir daí, passou a trabalhar em plantões da editoria de esportes. Somente dois anos depois, em razão de uma mudança interna, conseguiu uma vaga no esporte. A oportunidade surgiu ao fim das Olimpíadas de Pequim, em 2008, quando foi contratada para cobrir futebol. “Acho que a principal dificuldade era provar que realmente conhecia o assunto”. Precisou passar pela cobertura de um Mundial, um Pan e uma Olimpíada para mostrar que tinha capacidade de seguir na editoria. Atualmente, ela cobre futebol (masculino e feminino) e automobilismo.

A percepção da baixa representatividade feminina nas redações de jornal impresso, objeto desta pesquisa, é percebida todos os dias pela jornalista entrevistada, sobretudo durante coberturas externas. “O número de mulheres na editoria de esportes em televisão, por exemplo, é muito maior. Sempre foi raro encontrar colegas de outros veículos impressos em pautas na rua”, afirma.

O assédio, a importunação sexual e o constrangimento são indignações em comum que as jornalistas compartilham. “São situações sofridas, às vezes, dentro da redação ou mesmo com fontes. É muito desgastante ter que ‘lutar’ diariamente na profissão por algo tão básico: respeito”, diz a jornalista A. “Há cantadas de colegas, de jogadores, rodinhas de colegas homens julgando mulheres pelas roupas e pelo comportamento ou expondo relações íntimas”, desabafa. Segundo a profissional, o constrangimento também parte dos chefes. Um deles sugeriu que ela usasse o fato de ser mulher para encantar os entrevistados durante a execução das pautas. Pela visão dele, seria mais fácil a jornalista obter respostas a partir do uso de “atributos femininos”.

Há outro ponto que as mulheres que trabalham nas editorias de esporte precisam enfrentar: ganhar menos exercendo a mesma função. “Acabamos sempre tendo remuneração pior apesar de muitas vezes entregarmos um trabalho melhor do que os dos nossos colegas homens”, afirma a jornalista B. Exigir equidade salarial, por outro lado, frequentemente coloca a mulher em posição de “exigente, briguenta ou louca”, aponta a jornalista A. Na visão patriarcal, as mulheres deveriam ser gratas pelas vagas ocupadas mesmo que sem as plenas condições de igualdade.

### **Considerações finais**

No jornalismo esportivo de jornais impressos, objeto de estudo deste trabalho, torna-se clara a falta de representatividade de gênero nas editorias de esporte dos três jornais de referência do país: *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. A pesquisa apontou que, dos 1.184 textos analisados, dos quais 667 receberam assinaturas, 578 (86,7%) foram assinados por homens, e 89 (13,3%) por mulheres. O número contrasta com os Dados da Federação Nacional dos Jornalistas (MICK e LIMA, 2013), cujos resultados apontam que, no Brasil, 64% dos profissionais dentro das redações são mulheres. Dada a grande quantidade de mulheres no cenário jornalístico, fica evidente que há um critério de gênero nas redações ditando o espaço esportivo como privilégio masculino.

Exclusão ainda mais grave foi revelada pela quantidade de fotos assinadas por homens e mulheres nas editorias de esporte. Os homens respondem por 92,1% das fotos publicadas pelos três jornais nos períodos analisados. As mulheres representam apenas 7,9%. Além disso, as relações cotidianas no meio também operam em desfavor das mulheres, que costumam ser mais exigidas e testadas quando comparadas aos homens. Na editoria de esportes, a sensação é de que precisam saber mais e errar menos para que tenham validadas suas competências para exercer quaisquer funções, conforme apontado pelas entrevistadas. É comum, ainda, que estejam sempre associadas às coberturas de modalidades femininas, ressaltaram as entrevistadas.

Quantificar o abismo da divisão sexual do trabalho no cotidiano jornalístico esportivo é uma forma de atestar que as crescentes discussões de gênero na sociedade estão longe de representar uma efetiva igualdade entre gêneros no jornalismo. As discussões abrem espaço para que as mulheres denunciem o insistente afastamento que ainda sofrem de atividades consideradas para homens (consideradas assim pelos próprios homens, é claro). Embora os espaços tenham sido parcialmente abertos, há uma distância

considerável entre acessos e permanências que se torna palpável com pesquisas e dados como os aqui apresentados.

**Adriana Barsotti**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7834-9937>

*Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação, Niterói (RJ), Brasil*

*Doutora em Comunicação pela PUC-Rio*

*E-mail: [adrianabarsotti@id.uff.br](mailto:adrianabarsotti@id.uff.br)*

**Júlia da Cruz Carvalho**

*Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação, Niterói (RJ), Brasil*

*Mestra em Mídia e Cotidiano pela UFF*

*E-mail: [juliacc3@gmail.com](mailto:juliacc3@gmail.com)*

Recebido em: 31 de janeiro de 2024.

Aprovado em: 8 de março de 2024.

### Referências:

AGUIAR, L. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.5, n.1, p.12-23, 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13>>. Acesso em 12 abr. de 2016.

AMARAL, M. F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2011.

BANDEIRA, A. P. B. S. **Jornalismo e feminização da profissão: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal**. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BRASIL, B. O Espelho Diamantino, para as senhoras brasileiras. **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**, 20 maio 2020. Disponível em <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/espelho-diamantino-senhoras-brasileiras>. Acesso em 31 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. A Gazeta: vida e morte de um vespertino paulistano. **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**, 8 jul. 2022. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-da-bn-a-gazeta-vida-e-morte-de-um-vespertino-paulistano/>. Acesso em 30 jan. 2024.

BUENO, N. C. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV**: um estudo de casos no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.

CARVALHO, J. C. **“Não sou eu uma mulher?”**: machismo, racismo e desigualdade no cotidiano das editorias de esporte de jornais. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano). Universidade Federal Fluminense, 2023.

CASAGRANDE, W. Ser pioneiro(a) em alguma coisa é fantástico. Boa sorte, Renata Silveira! **GE**, 9 mar. 2021. Disponível em <https://ge.globo.com/blogs/de-peito-aberto-por-casagrande/post/2021/03/09/ser-pioneiroa-em-alguma-coisa-e-fantastico-boa-sorte-renata-silveira.ghtml>. Acesso em 24 jul. 2022.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, H. L. No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século 20. In: ZERWES, E.; COSTA, H. L. (orgs.). **Mulheres fotógrafas/mulheres fotografadas**: fotografia e gênero na América Latina. São Paulo: Intermeios, 2021.

DEIXA ela trabalhar: jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte, **Globo Esporte**, 25 mar. 2018. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>. Acesso em 30 jan. 2024.

HORKY, T.; NIELAND, J.-U. International Sports Press Survey 2011. **German Sport University Cologne**, 2013. Disponível em [https://www.playthegame.org/media/2gvfetbc/horky-nieland\\_ptg\\_2013\\_1130.pdf](https://www.playthegame.org/media/2gvfetbc/horky-nieland_ptg_2013_1130.pdf). Acesso em 20 jul. 2022.

LAMENTÁVEL! Torcedor tenta beijar repórter da Globo na Rússia: "É horrível. Eu me sinto indefesa", **Globo Esporte**, 24 jun. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/lamentavel-torcedor-tenta-beijar-reporter-da-globo-na-russia-triste-que-isso-ainda-aconteca.ghtml>>. Acesso em 24 jul. 2022.

LEITE, C. R. C. S. As pioneiras do jornalismo feminino no Brasil, **Observatório da Imprensa**, 9 abr. 2019. Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/as-pioneiras-do-jornalismo-feminino-no-brasil/>. Acesso em 30 jan. 2024.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MATTELART, A. A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.32, n.1, p. 33-50, jan./jun, 2009.

MELLO, B. Pesquisa inédita O GLOBO/Ipec aponta as 26 maiores torcidas do Brasil; veja lista, **O Globo**, 19 jul. 2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/noticia/2022/07/pesquisa-inedita-ogloboipec-aponta-as-26-maiores-torcidas-do-brasil-veja-lista.ghtml>. Acesso em 30 jan. 2024.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MIRANDA, D. Regiani Ritter, 1ª mulher a cobrir futebol. **UOL**, 25 abr. 2019. Disponível em <https://extraordinarias.blogosfera.uol.com.br/2019/04/25/regiani-ritter-1a-mulher-a-cobrir-futebol-davam-entrevista-pelados-sim/>. Acesso em 28 jan. 2024.

OLIVEIRA, A. P.; OLIVEIRA, N. L. A mulher no jornalismo esportivo. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 402–424, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3326>. Acesso em 31 jan. 2024.

PANJA, T. World cup reporters find huge audiences and familiar challenges. **New York Times**, 4 jul. 2019. Disponível em <https://www.nytimes.com/2019/07/04/sports/soccer/world-cup-media.html>. Acesso em 30 jan. 2024.

PISANI, M. S. **“Sou feita de chuva, sol e barro”**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/publico/2018_MarianeDaSilvaPisani_VCorr.pdf)

[110139/publico/2018\\_MarianeDaSilvaPisani\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/publico/2018_MarianeDaSilvaPisani_VCorr.pdf)>. Acesso em 22 jul. 2021.

PRIZIBISCZKI, C. Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início, **Portal Imprensa**, 9 ago. 2007. Disponível em:

[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/11769/maria+helenarangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helenarangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/). Acesso em 25 jul. 2022.

RAMOS, R. H. P. **Mulheres jornalistas** – A grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SALES, C. S. **A imprensa que educa: o Jornal das Senhoras e a formação moral e intelectual feminina (1852-1855)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33182>. Acesso em 31 jan. 2024.

WILLMERSDORF, P. Euro 2020 chega à final com participação feminina em 46% das transmissões de TV, **O Globo**, 11 jul. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/euro-2020-chega-final-com-participacao-feminina-em-46-das-transmissoes-de-tv-25100018#:~:text=Das%2056%20partidas%20da%20Euro,comentando%20ou%20analizando%20a%20arbitragem>. Acesso em 30 jan. 2024.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*